

Estudo de corpus sobre a anáfora pronominal em interpretação simultânea

Ana Correia, Sílvia Araújo

Centro de Estudos Humanísticos / Universidade do Minho

Abstract:

This paper aims to analyse and describe the functioning of pronominal anaphora in English-Portuguese and Portuguese-English simultaneous interpreting. For this purpose, we selected a random sample of 24 speeches from the plenary sessions of the European Parliament. This small sample was taken from a larger pool of speech transcripts, which will be included in an interpreting corpus to be compiled at the University of Minho. We begin by providing some theoretical notions on interpreting and on the recent paradigm of corpus-based interpreting studies. Finally we analyse some examples to illustrate the instances where pronominal anaphora poses a challenge for the interpreters.

Keywords: simultaneous interpreting, corpus linguistics, cohesion, pronominal anaphora

Palavras-chave: interpretação simultânea, linguística de *corpus*, coesão, anáfora pronominal

1. Introdução

O presente estudo tem por principal objetivo analisar e descrever o funcionamento da anáfora pronominal com base num conjunto de discursos interpretados em modo simultâneo. Contudo, ainda antes de dar início à análise propriamente dita, importa perceber o que é a interpretação e que tipo de restrições é que este tipo de comunicação impõe quer sobre os atores que nele participam, quer sobre o próprio discurso a interpretar. Para além deste aspeto, iremos também apresentar uma breve resenha dos estudos de interpretação desenvolvidos até ao momento com base em dados empíricos bem como alguns dos *corpora* atualmente disponíveis na rede. Por último, descrevemos, em linhas gerais, o trabalho de colaboração com alunos da Universidade do Minho na criação de um corpus de interpretação envolvendo o português



européu. Pretende-se, com esta introdução, fornecer ao leitor uma visão panorâmica dos estudos de interpretação, com particular destaque para a sua vertente empírica.

1.1. O que é a interpretação (simultânea)?

Ao longo dos séculos, a interpretação tem sido definida de diversas formas, por autores tão variados quanto os quadros teóricos que sustentam as suas afirmações. Contudo, há dois aspetos intrínsecos à interpretação que parecem reunir consenso: o seu carácter oral¹ e a importância do significado (postulado da *Théorie du sens*; Seleskovitch & Lederer, 1984) em detrimento das palavras. Há ainda a questão da ‘immediatez’, que alguns autores reconhecem como a principal característica da interpretação e aquela que fundamentalmente a distingue da tradução (Kade, 1968 *apud* Pöchhacker, 2004: 10-11). De facto, a interpretação desenrola-se sob uma pressão temporal constante, quer seja em modo simultâneo, quer seja em modo consecutivo. No primeiro caso, o intérprete deve restituir o discurso original à medida que este vai sendo proferido, adaptando o seu *décalage* de acordo com o ritmo de elocução do orador. No segundo caso, o intérprete ouve a totalidade do discurso na língua de partida e só depois produz um discurso equivalente na língua de chegada. Enquanto ouve o discurso, o intérprete pode tomar notas, cuja função é somente a de complementar a sua memória aquando do esforço de produção do discurso-alvo.

Como vimos, a interpretação comporta uma distinção básica entre o modo consecutivo e simultâneo. Para além disso, há diversas modalidades, como sejam a interpretação de conferências, comunitária, de acompanhamento, por videoconferência, etc. (Bendazzoli, 2010a). Naturalmente, cada uma destas modalidades corresponde a um contexto muito específico, com características próprias. A interpretação comunitária, por exemplo, poderá decorrer num hospital e caracterizar-se-á por um esquema comunicativo eminentemente dialógico, em que o intérprete desempenha um papel central até pela sua presença física na situação. Por seu turno, a interpretação de conferências, de que o presente artigo se ocupa, privilegia um formato monológico, em que um orador se dirige a um público composto por um número indefinido de

¹ Ou gestual, se nos estivermos a referir à interpretação em língua gestual. Contudo, o foco deste trabalho incide sobre a interpretação de línguas orais.



ouvintes e em que a presença do intérprete se confina a uma cabine à prova de som. Este é o tipo de interpretação que ocorre nas sessões plenárias do Parlamento Europeu, que servem de base ao estudo de caso descrito na secção 3 adiante. Este contexto particular apresenta um conjunto de especificidades que tem, necessariamente, repercussões no discurso produzido pelos intérpretes. O sistema de atribuição de palavra faz com que as intervenções dos eurodeputados sejam, em regra, bastante curtas, rondando em média dois minutos por discurso. Por conseguinte, a fim de tirar o máximo proveito do tempo que lhes é atribuído, a maioria dos eurodeputados prepara e lê os seus discursos, o que se reflete numa velocidade elocutória e densidade lexical, sintática e semântica muito mais elevadas do que num discurso genuinamente espontâneo. Trata-se, portanto, de uma oralidade com características próprias, que são consequência direta do contexto em que ocorre a interpretação e que necessariamente condicionam o trabalho do intérprete.

Desta pequena resenha, conclui-se, então, que a interpretação, quer simultânea, quer consecutiva, é uma atividade de transmissão de significado entre duas línguas através do meio oral (ver nota 1) e com caráter imediato. O contexto é, sem dúvida, uma variável determinante do processo interpretativo e todas as considerações atinentes a este fator são extremamente relevantes do ponto de vista metodológico. Se é verdade que a interpretação não ocorre no vazio, então devemos assumir que o estudo desta atividade tem de manter uma estreita relação com as coordenadas espaço-temporais (*hic et nunc*) em que se insere. A linguística de *corpus* desempenha aqui um papel importante, dado que tem por premissa o estudo dos fenómenos linguísticos através da observação sistemática de exemplos reais do uso da língua.

1.2. Estudos de interpretação baseados em *corpora*

Embora a investigação sobre interpretação tenha sido impulsionada, numa primeira fase, por estudos psicolinguísticos e de psicologia cognitiva, é inegável que a linguística (principalmente, a linguística de texto e a análise do discurso) contribuiu para um conhecimento mais aprofundado do produto – e, por conseguinte, do processo – resultante da interpretação nos seus diferentes modos e modalidades. Mais recentemente, a linguística de *corpus* tem vindo a ganhar preponderância no estudo da interpretação. Este fenómeno foi em larga medida motivado pelo êxito dos resultados alcançados nos estudos de tradução com recurso a esta metodologia.



Miriam Shlesinger, autora prolífica dos estudos de interpretação, foi pioneira ao reconhecer os méritos desta sinergia e, em 1998, publicou um artigo seminal em que apelava a uma colaboração mais estreita entre a linguística de *corpus* e os estudos de interpretação (Shlesinger, 1998). Nos anos seguintes, vários autores começaram então a dedicar-se à recolha de dados empíricos para criar os seus próprios *corpora*.

Na aceção da linguística de *corpus*, um *corpus* é um “conjunto de textos autênticos (incluindo transcrições de dados orais), organizados numa plataforma eletrónica, que pretende ser representativa de uma determinada língua ou variedade linguística” (tradução nossa)². Contudo, não podemos ignorar as compilações manuais de textos que, embora não estejam organizados numa plataforma eletrónica, não deixam de ser *corpora*. Nos estudos de interpretação, é possível encontrar ambos. Uma parte significativa destes *corpora* não informatizados é composta pelas produções orais de alunos a frequentar pós-graduações de interpretação, que são gravadas e posteriormente transcritas. Este tipo de coletânea tem vindo a ser utilizado para identificar, com maior ou menor grau de sistematicidade, os erros cometidos pelos alunos, chegando mesmo a culminar na criação de tipologias de erro. A título de exemplo, citamos os estudos de Gile (1987, 1992) e Falbo (1998) sobre os erros cometidos por estudantes de interpretação simultânea durante o seu período de aprendizagem. Este tipo de estudo contribui para o enriquecimento dos conteúdos formativos na área da interpretação, podendo também aplicar-se à tradução.

Embora o paradigma dos estudos de interpretação baseados em *corpora* seja uma tendência recente, julgamos ser possível distinguir três grandes áreas de investigação. Num primeiro grupo, enquadram-se os estudos de pendor marcadamente teórico sobre a metodologia de compilação de *corpora* de interpretação (aqui entenda-se *corpus* na aceção da linguística de *corpus*, i.e., *corpus* eletrónico). Entre outros, destacam-se os trabalhos de Bendazzoli (2010b), Wang (2009) e Falbo (2012). Os estudos sobre fenómenos linguísticos têm sido uma área fértil para os estudos baseados em *corpora*, constituindo o segundo grande grupo. Aqui, incluem-se os trabalhos de Sandrelli, Bendazzoli & Russo (2010) sobre colocações, de Bertozzi (2015) sobre o uso empréstimos, de Loureda (2010) sobre marcadores discursivos e de Russo (2012) sobre as

² “ (...) collection of (1) machine-readable (2) authentic texts (including transcripts of spoken data) which is (3) sampled to be (4) representative of a particular language or language variety.” (McEnery *et al.*, 2006: 4-5 *apud* Bendazzoli, 2010b: 16)



assimetrias morfosintáticas entre o par espanhol-italiano. Para além do âmbito linguístico, a análise de *corpora* tem-se revelado útil para obter um conhecimento mais aprofundado de diversos aspetos sociológicos da interpretação. Neste terceiro e último grupo, contam-se os trabalhos de Kurz (2001) sobre as expectativas dos utentes, de Straniero Sergio (2003) sobre normas, de Marzocchi (2005) sobre ética e de Zwishcenberger & Behr (2015) sobre qualidade.

1.3. Corpora de interpretação

Alguns dos trabalhos acima mencionados foram realizados com base em *corpora* eletrónicos, que se encontram acessíveis na rede. O maior *corpus* de interpretação de que dispomos atualmente é o *European Parliament Interpreting Corpus* (EPIC), criado entre 2004 e 2006 pela equipa interdisciplinar SITLeC, do polo de Forlì da Universidade de Bolonha:

The screenshot shows the 'SSLMIT Dev Online' interface. The main content area displays 'ORG-EN SIMPLE QUERY RESULTS'. A query is shown: 'Query: QRY1444847909 = "home"; reduce QRY1444847909 to 1000'. The results are sorted by 'Left Context' and 'Right Context', both set to 'Default'. The search results are displayed as a list of text excerpts with the word 'home' highlighted in red. The excerpts include phrases like 'up a planning team with whom the European Parliament can have a dialogue // and home and for legislation regarding food labelling // given that we don't exactly know what the route of transmission is if there is a route', 'thirdly Mr Byrne is also responsible for food safety at', 'imminent risk of such shortcomings in the transition ehm transposition state of home affairs // I will conclude my comments by r- briefly addressing your question about implementation or the application of legislative measures in certain areas of justice and', 'making European Union ehm business accessible to its citizens // the texts of all adopted measures // Mr President I hope that my comments have given you home affairs area during two thousand and three // I thank you once again for giving me this opportunity and I look forward to ehm continued', 'an overview of the achievements in the justice and', 'for retired prime ministers // the presidency has rightly identified the need for European home // in many cases the commitments made in Council have been allowed to stall at the governments to act more decisively not only in Council but at', 'transposition stage // the latest figures from the Commission', 'the prospect of membership I believe is a powerful incentive for those with a reformist home // the perspective of membership is of course not only related to concrete progress and delivering results on many different areas of policy // it', 'instinct in your parliament and in your public life at', 'Marovic of Serbia- Montenegro some time ago you respectively apologised for what had home by all of the political forces and commentators as an act designed to give you popularity happened in the past decade // this was not immediately received at but it is a measure of the man you'.

Figura 1) Interface de pesquisa do EPIC

Trata-se de um *corpus* comparável trilingue (espanhol, italiano e inglês), compilado com discursos proferidos em sessões plenárias do Parlamento Europeu (Bendazzoli & Sandrelli, 2005). Posteriormente, surgiram diversas iniciativas conducentes à criação de *corpora* de



interpretação representativos de outras populações, outras modalidades de interpretação, outras línguas e outros contextos discursivos. Ainda no âmbito da interpretação de conferências, mas em contextos distintos, destacam-se o *corpus* DIRSI-C, composto por discursos de natureza médica em inglês e italiano (Bendazzoli, 2010a), e o *corpus* FOOTIE, que reúne interpretações de conferências de imprensa realizadas durante o campeonato europeu de futebol de 2008 (Sandrelli, 2012). No que respeita à interpretação comunitária, importa mencionar o trabalho desenvolvido pelo *Hamburger Zentrum für Sprachkorpora*, cujo repositório inclui o *corpus Dolmetschen im Krankenhaus* (DiK) (House, Meyer & Schmidt, 2012) e o *corpus Consecutive and Simultaneous Interpreting* (CoSi) (Bührig *et al.*, 2012). O primeiro visa a interpretação comunitária num contexto hospitalar e o segundo está direcionado para a interpretação em situação de conferência, quer em modo consecutivo, quer em modo simultâneo. Por fim, a interpretação para os *media* está representada no *Corpus of Television Interpreting* (CorIT), que contempla um conjunto alargado de interpretações levadas a cabo em eventos da televisão italiana ao longo de 50 anos (Straniero Sergio & Falbo, 2012). Sem qualquer pretensão de exaustividade, a amostra acima apresentada contém apenas alguns exemplos de *corpora* que têm vindo a ser desenvolvidos para estudar uma ampla gama de fenómenos linguísticos e extralinguísticos (ver secção 1.2.).

1.4. Experiência pedagógica na UM no âmbito da interpretação

Na Universidade do Minho, estamos neste momento a reunir material para a compilação de um *corpus* de interpretação multimédia bidirecional. Recorrendo ao manancial do Parlamento Europeu, seleccionámos uma amostra de discursos proferidos em sessões plenárias deste órgão legislativo por eurodeputados portugueses e britânicos. Este trabalho tem sido desenvolvido em colaboração com os alunos da licenciatura em Línguas Aplicadas, no âmbito da unidade curricular de 3º ano *Princípios de Interpretação*. Desde o ano letivo 2013/2014, os alunos têm participado na transcrição e/ou revisão de discursos com recurso ao *software EXMARaLDA – Partitur*, e no alinhamento dos originais com as respetivas interpretações, usando o alinhador *web Youalign*. Com base no material assim preparado, cada aluno produziu uma análise global das interpretações, tendo como ponto de referência uma tipologia adaptada de Falbo (1998). Esta metodologia está esquematicamente representada na figura abaixo:





Figura 2) Metodologia usada em aula

A julgar pelo *feedback* dos alunos, esta experiência didática, à qual pretendemos dar continuidade nos próximos anos, tem surtido efeitos positivos. Entre os aspetos mais apreciados pelos alunos, destaca-se a utilização de *software* de transcrição e de alinhamento, a exploração de *corpora* com recurso a expressões regulares de pesquisa, e a aprendizagem de uma aparelhagem concetual simples mas eficaz para descrever, com rigor científico, os fenómenos observados nos textos por eles transcritos. Em relação a este último aspeto, em particular, a explicitação da noção de coesão referencial (anáfora ou coreferência não anafórica) e a realização de alguns exercícios para deteção dos princípios subjacentes à funcionalidade da anáfora revelaram-se particularmente importantes para levar os alunos a encontrar problemas de coesão textual nas interpretações por eles transcritas.

2. Mecanismos linguísticos de coesão textual

Ao longo desta segunda secção, iremos refletir sobre as propriedades que nos permitem reconhecer um fragmento discursivo como um texto, dando especial relevo aos conceitos de coesão e coerência. É nossa intenção enquadrar a anáfora num fenómeno mais vasto, que é o da textualidade, pois só assim é possível compreender o verdadeiro impacto que o processo anafórico tem na compreensão e produção discursivas.



2.1. O binómio coesão/coerência

Consideramos, na senda de Fonseca (1992: 228), que o texto se realiza numa sequência de frases interligadas de modo a configurar um todo dotado de sentido. Trata-se, pois, como assinalam Barbeiro & Pereira (2007: 8), de uma unidade em que essas frases se combinam entre si, estabelecendo relações de coesão linguística e de coerência lógica. Segundo o *Dicionário Terminológico* (2008), são sete as principais propriedades que configuram a textualidade, que designaremos, de forma mais simplificada, como propriedades do texto: coesão, coerência, progressão temática, intertextualidade, metatextualidade, relação tipológica e polifonia. No que respeita às noções de coesão e coerência textuais, por serem aquelas que mais implicações apresentam para o tratamento do fenómeno anafórico, julgamos oportuno lembrar, na esteira do trabalho pioneiro desenvolvido por Halliday & Hasan (1976), a existência no texto de uma estrutura externa e de uma estrutura interna. Trata-se de dimensões extralinguísticas que, em concomitância com os mecanismos estritamente linguísticos da produção discursiva, contribuem para a construção do sentido do texto.

A coesão (ou conetividade sequencial) de um texto resulta de mecanismos léxico-gramaticais que tornam o texto numa sequência de frases corretamente articuladas entre si. A coesão textual concretiza-se através de vários meios: conetores que ligam os enunciados, regras sintáticas de concordância (pessoa, género, número, tempo e modo), anáforas correferenciais, entre outros. A coerência (ou conetividade concetual) de um texto implica e depende da interligação semântica entre as frases que o constituem, ou seja, da sua conformidade com a nossa apreensão cognitiva do mundo (coerência lógico-concetual) e da sua adequação ao contexto comunicativo (coerência pragmático-funcional). A não contradição, a relevância e a ausência de tautologia são elementos essenciais para assegurar a coerência de um texto e a realização de um sentido que ultrapasse o das frases consideradas isoladamente. A coerência prende-se com a existência de sentido no texto, ao passo que à coesão se atribuem propriedades formais, isto é, regras gramaticais (Lopes & Carapinha, 2013: 108). Importa obviamente referir que estas duas dimensões não se podem separar: uma implica a outra (Amor, 1993).



2.2. Diferentes tipos de anáfora

A anáfora é essencialmente um fenómeno textual que depende de uma outra expressão mencionada anteriormente no texto, geralmente designada de antecedente. Segundo Lopes & Carapinha (2013: 56-68), existem diversos tipos de anáfora, conforme ilustram os exemplos retirados de transcrições de discursos proferidos em sessões plenárias do Parlamento Europeu e que comentamos de seguida:

a) Anáfora pronominal

Quando o antecedente é de natureza nominal, a anáfora pronominal parece ser o tipo de anáfora contextual mais frequente na construção da referência de um texto. Podemos, a partir do exemplo (1a) que se segue, definir a anáfora pronominal como uma relação anafórica em que os termos são heterogéneos, quer do ponto de vista das categorias linguísticas a que pertencem - um SN e um pronome -, quer do ponto de vista da sua autonomia referencial - o antecedente tem autonomia referencial mas o termo anafórico não tem. Importa referir que os eurodeputados portugueses tendem a alongar as frases através de mecanismos recorrentes de subordinação, nomeadamente através do pronome relativo *que*, conforme ilustrado no exemplo abaixo:

(1a) A União Europeia deve estimular a Líbia a adotar **soluções legais e sociais** que melhorem a desumana condição de vida dos cerca de **2 milhões de migrantes** que trabalham na Líbia, cerca de um quarto da população. Esses imigrantes merecem proteção legal, não podendo continuar a ser tratados como hati, escravos.

(1b) We've got to make sure that about **2 million migrants** who work in Libya have decent human conditions. That's about a quarter of the population. **These immigrants** do need legal protection, they can't continue to be treated as hati. That means slaves in Arabic.

A repetição de *que* no original português exige um esforço cognitivo adicional e maior tempo de processamento, dado que mobiliza antecedentes (primeiro antecedente: *soluções legais e sociais* / segundo antecedente: *2 milhões de migrantes*) diferentes numa mesma frase. A interpretação em inglês apenas preserva a cadeia anafórica relativa ao segundo antecedente (*2 million migrants / who*), sem que se perca, contudo, a informação veiculada pela cadeia anafórica associada ao primeiro antecedente (a saber, a melhoria das condições de vida dos imigrantes). É



de realçar a capacidade do intérprete de, numa única frase, condensar o conteúdo de duas orações relativas, conseguindo assim economizar tempo de processamento para os restantes segmentos.

b) Anáfora zero ou elipse

Quando, na relação anafórica, o termo anafórico não tem realização lexical, *i.e.*, corresponde a uma categoria vazia, falamos de elipse e de termos elípticos:

(2a) Although the High Representative has made excellent senior appointments, I've seen some of these before AFET, I must ask why you've been short-changed in a stitch-up by the Commission, who seem to have retained a disproportionate amount of resources for EU enlargement and the ENP. This split does not provide value for money to EU taxpayers, nor does it serve our foreign policy interests.

(2b) Apesar de a Alta Representante ter indicado pessoas nos serviços de ação externa, e que são escolhas excelentes, porque é que não há aqui uns meios desproporcionalmente elevados para o alargamento? Ø Não serve neste momento a nossa política externa nem os nossos interesses específicos.

Em (2b), o recurso à elipse aumenta a opacidade do discurso, já de si complexo, que coloca entraves ao estabelecimento de uma relação lógica entre as duas frases que compõem o excerto. Esta elipse poderá ter sido uma consequência direta do elevado nível de densidade informativa do original, que terá impedido a atribuição de um sujeito sintático ao verbo *servir*.

c) Anáfora nominal

Como relembra Figueiredo (2001: 398), a anáfora nominal resulta de um prolongamento natural do antecedente por meio de repetição ou de substituição lexical ou, como veremos na alínea seguinte, de processos inferenciais e de saberes partilhados, o que se traduz numa anáfora não correferencial (associativa):

(3a) **The AU, the African Union**, could do far more. We have heard many platitudes from the AU but we've seen little concrete action so far.

(3b) **A União Europeia, a União Africana** com certeza que poderiam fazer mais. Ouvimos já belas declarações da UE mas até agora poucas ações.



O exemplo (3b) exibe uma conexão interfrásica bem-sucedida do ponto de vista da coesão e da coerência. Contudo, o antecedente único do discurso original (*the African Union*) passa a assumir uma entidade dupla (*A União Europeia, a União Africana*) no discurso interpretado, que despoleta a retoma parcial da entidade errada, provavelmente devido à semelhança fonética entre ‘AU’ e ‘EU’.

d) Anáfora associativa

A anáfora associativa pressupõe um mecanismo referencial (Marques, 2009) que se opõe aos outros tipos de anáfora acima mencionados. Como refere Figueiredo (2001: 405), a anáfora por associação é não correferencial e estabelece-se por via de uma relação meronímica de parte/todo, pressupondo-se o saber partilhado de uma mesma comunidade linguística:

(4a) We know that **Bulgaria and Romania** have serious problems with crime and corruption and I do not believe that their border controls are as good as those which would obtain in other Schengen countries. They will therefore become a route and a conduit for illegal immigrants into the European Union who, within the Schengen area, would then be free to come to Calais and would definitely have the effect of increasing illegal immigration into the United Kingdom.

(4b) **Bulgária e Roménia** têm problemas graves com o crime e a corrupção e eu não acredito que os controlos na fronteira sejam da mesma forma e da mesma qualidade que noutros países. Há rotas de migração ilegal e na área Schengen teremos esta liberdade destas rotas para chegarem até Calais, isto vai aumentar também a imigração ilegal para o Reino Unido.

No contexto específico da imigração ilegal, é legítimo afirmar que existe um nexos semântico associativo entre o SN *Bulgária e Roménia* (todo) e o SN *rotas de migração ilegal* (parte). Contudo, devido à distância que separa estes dois elementos na linearidade do texto, esse nexos poderia tornar-se mais saliente se o intérprete tivesse recorrido, por exemplo, a um locativo espacial com valor anafórico (e.g., ‘lá’, ‘nesses países’).

Como podemos ver, cada uma das cadeias referenciais apresentadas nos quatro casos anteriores faz uso de procedimentos léxico-gramaticais (Oliveira 1987; Kleiber 1994; Corblin 1995; Perdicoyanni-Paléologou 2001, entre outros) que instauram a dependência de um conjunto de termos anafóricos relativamente a uma expressão nominal plena que inicia a cadeia



referencial. Obtém-se, assim, uma rede de ligações intra e interfrásicas passível de se propagar ao longo de todo um discurso, com implicações de processamento mais ou menos profundas. De facto, considerando que o nosso objeto de estudo consiste num conjunto de discursos, torna-se necessário observar os efeitos da anáfora numa perspetiva discursiva, ou seja, para além da fronteira frásica (Lopes & Carapinha, 2013: 55).

3. A anáfora pronominal em interpretação simultânea

Sendo um texto uma tessitura resultante de uma ou várias cadeias anafóricas que se entrelaçam, parece-nos importante lembrar que a construção do sentido passa precisamente pelo encadeamento adequado entre os diferentes elementos que compõem essa tessitura. O processamento cognitivo subjacente a estas operações torna-se obviamente mais complexo quando realizado exclusivamente em suporte oral e sob fortes restrições temporais como é o caso da interpretação simultânea.

3.1. Hipóteses de partida

Vários fatores linguísticos parecem-nos poder comprometer esta arquitetura, nomeadamente:

i) o tipo de esquema sintático das línguas envolvidas – dado que o inglês tende para um esquema paratático e o português para um esquema hipotático (Guillemín-Flescher, 1986; Hoarau, 1997; Zemmour, 2012), é razoável esperar que haja um maior número de pronomes nos discursos ingleses, quer nos originais, quer nas interpretações;

ii) a extensão da cadeia anafórica – devido à eventual sobrecarga da memória, também nos parece legítimo avançar que quanto maior for a distância entre o antecedente e o termo anafórico, maior será o número de cadeias anafóricas indevidamente restituídas.

3.2. Corpus de análise

Para testar estas hipóteses, foram analisados doze pares de discursos do Parlamento Europeu. As transcrições destes discursos não contêm anotações de cariz paralinguístico (*e.g.*, pausas, hesitações, palavras truncadas). Visto que estas não constituem o objeto de estudo do



presente artigo, a sua introdução poderia dificultar a leitura dos excertos abaixo citados a título de exemplo.

A amostra está equitativamente distribuída em termos de direção linguística, contendo seis pares de discursos com original português (2.201 palavras) e interpretação em inglês (2.006 palavras) e seis pares de discursos com original inglês (1.644 palavras) e interpretação em português (1.350 palavras). No total, a amostra contém 7.201 palavras.

Com base neste *corpus*, procedeu-se a uma extração de pronomes³. A tabela seguinte mostra uma clara assimetria numérica nas duas línguas: quer consideremos o inglês como língua de partida, quer como língua de chegada, os pronomes são mais frequentes na língua germânica do que na românica:

	PT-EN		EN-PT	
	PT original	EN interpretado	EN original	PT interpretado
Pronomes Pessoais	35	115	92	19
Pronomes Possessivos	0	0	0	0
Determinantes Possessivos	27	19	21	14
Pronomes Demonstrativos	13	22	9	8
Pronomes Relativos	44	24	18	24
TOTAL	118	173	149	66

Tabela 1: Número de pronomes

Como veremos, esta assimetria não se deve apenas ao facto de o inglês ser, por oposição ao português, uma língua de sujeito foneticamente realizado mas também à predileção dessa língua por estruturas coordenadas que consistem em ordenar ao lado umas das outras orações sem estabelecer um nexos de dependência entre elas (do grego, *para*($\pi\alpha\rho\alpha$) = ao lado de e *taxe*($\tau\alpha\zeta\eta$) = ordenação) (Matos, 2005: 687).

³ Embora o foco deste trabalho incida sobre a anáfora pronominal, achámos importante incluir nesta contagem os determinantes possessivos, uma vez que estes marcadores suscitam casos de ambigüidade que nos pareceu relevante analisar (ver secção 3.4.3.)



3.3. Características gerais da utilização de pronomes

Uma análise preliminar deste corpus revela dois padrões linguísticos que perpassam os discursos interpretados de português para inglês: a predileção pela hipotaxe e a utilização estratégica do pronome *we*.

3.3.1. Esquema hipotático (PT) *versus* paratático (EN)

Como referimos acima, assiste-se na passagem do original português para a sua interpretação em inglês a uma utilização mais recorrente da coordenação em detrimento da subordinação, o que obriga o intérprete a atribuir um sujeito sintático ao verbo de cada uma das orações coordenadas por ele criadas. Em (5b), o pronome pessoal *we* é suficientemente impessoal para que o intérprete possa atribuir, sem se comprometer, um sujeito sintático à oração independente que introduz no seu discurso:

(5a) Neste debate não podemos esquecer que existe uma proposta dum chamado **pacto de competitividade** *através do qual* o diretório, comandado pela Alemanha, quer desferir novos ataques ao regime público solidário e universal da segurança social, aumentar a idade da reforma e desvalorizar salários, *tentando* pôr fim à sua indexação à taxa de inflação apenas *para* beneficiar o **setor financeiro**, *o qual* pretende encontrar nas pensões novas formas de maiores ganhos especulativos.

(5b) We must remember in this debate that there is a proposal relating to the competitiveness pact. *Germany* in particular seems to be very ready to attack the system of public security by lowering salaries, *by exacerbating* inflation largely for the benefit of the financial sector *and we know* that the financial sector wants to continue to gamble through private financing of pensions.

Existe neste excerto original em português um grupo nominal (*pacto de competitividade / setor financeiro*) que identifica o referente para a interpretação de cada um dos pronomes relativos subsequentes (*(d)o qual*). Neste caso, o original opta claramente pela hipotaxe que ordena duas orações, estabelecendo a dependência de uma relativamente à outra (do grego, hipo(υπο) = posição inferior e taxe(ταξη) = ordenação) (Matos, 2005: 687). Na passagem para a interpretação em inglês, pelo contrário, perdemos estes pronomes; as orações passam a ser



associadas entre si quer por justaposição, quer por coordenação. A construção destes esquemas de parataxe pode ser muitas vezes complicada, entre outros fatores, pela velocidade de elocução do original. Este fator pode, por exemplo, obstaculizar o processo de reconhecimento e atribuição de sujeito sintático às orações que vão sendo criadas. Nestes casos, verificou-se uma tendência de utilização do pronome pessoal genérico *we*. A tendência é, aliás, comprovada pela discrepância entre a frequência deste pronome nos originais portugueses por oposição aos originais ingleses: sete ocorrências *versus* vinte e oito ocorrências, respetivamente.

3.3.2. Uso estratégico da 1ª pessoal do plural

O uso deste pronome pessoal torna-se um instrumento particularmente útil quando o intérprete não consegue identificar de forma exata o antecedente. Em (6b), por exemplo, deparamo-nos com um elo anafórico pouco evidente entre o pronome *ela* e o antecedente imediatamente anterior (*Europa pós-queda do muro*):

(6a) Isto parece-me uma perversão fundamental dos princípios da Europa pós-89, **da Europa pós-queda do muro**. O que ela queria dizer é que nós não abandonaríamos os nossos irmãos europeus de qualquer país à censura e à repressão à liberdade de expressão.

(6b) I think this runs completely counter to the principles of **Europe, particularly after the fall of the Wall**. We have said that we will not leave Europeans subject to censorship in any country.

As operações de conversão da hipotaxe em parataxe implicam por parte do intérprete um esforço de explicitação do sujeito sintático. Dado que nem sempre é fácil encontrar um sujeito adequado, o uso do pronome genérico *we* adquire uma dimensão estratégica de grande utilidade.

3.4. A anáfora pronominal: um desafio de interpretação

Nas secções que se seguem, apresentamos alguns casos em que a anáfora pronominal se coloca como um desafio de processamento textual, que o intérprete deve superar a fim de restituir a mensagem original de forma coesa e coerente. Importa salvaguardar que os exemplos abaixo citados não esgotam a variedade de problemas relacionados com este fenómeno linguístico.



3.4.1. Transposição do antecedente

O discurso original que se segue contém uma relação anafórica, na qual o SN *diversidade de condições naturais* é o antecedente e o pronome clítico *-la* é o termo anafórico. O intérprete procura manter essa cadeia anafórica, mas opta por converter o nome *diversidade* no adjetivo *diverse*. Essa operação não levanta à primeira vista grandes problemas, dado que, em inglês, o pronome *them*, que surge duas vezes, retoma devidamente o seu antecedente plural (*natural conditions*); no original em português, o clítico *-la* (também repetido) retoma de igual modo o sintagma nominal singular a que está associado (*diversidade de condições naturais*). De facto, não parece haver aqui em nenhum dos casos uma rutura da cadeia anafórica. No entanto, o vestígio da preposição *of* parece indicar que ficou armazenada na memória do intérprete a combinação do original (*a diversidade das condições naturais*) e não aquela que acabou por ser efetivamente verbalizada (*diverse natural conditions*):

(7a) Uma segunda nota para chamar a atenção para a enorme **diversidade** de condições naturais e, conseqüentemente, de ecossistemas florestais que ocorrem na Europa. Impõe-se reconhecê-**la** e valorizá-**la**, valorizando a sua multifuncionalidade e o seu potencial gerador de emprego e de desenvolvimento no mundo rural.

(7b) A second point to draw your attention to the very diverse natural conditions and therefore of the forestry ecosystems that exist in Europe. One has to recognise **them** and make use of **them**, make using [*sic*] of their multipurpose value and helping to develop the rural world.

Como vemos, estes processos de transposição (Chuquet & Paillard, 1989) são perfeitamente possíveis em interpretação, mas é importante não descurar as alterações que decorrem dessa transposição.

3.4.2. Distância entre antecedente e termo anafórico

A reconstituição das cadeias anafóricas por um intérprete pode tornar-se particularmente difícil quando pelo meio vai surgindo uma série de orações participais ou gerundivas que afasta consideravelmente o termo anafórico (neste caso, o pronome relativo *que*) do seu antecedente (*quadro financeiro plurianual*):



(8a) Quando se vive uma crise económica e social, um dos maiores desafios que se coloca é encontrar um novo **quadro financeiro plurianual** em que haja um aumento significativo do orçamento comunitário para apoio da coesão económica e social, acompanhado da diminuição da obrigatoriedade da comparticipação nacional, reduzindo-a, no máximo, a 10 % do projeto apresentado, sobretudo nos países com maiores dificuldades financeiras, **que** aposte no investimento, em serviços públicos, no apoio à produção, na criação de emprego com direitos, na erradicação da pobreza, das desigualdades sociais e de todo o tipo de discriminações, designadamente de género.

(8b) If you've got an economic and social area, the major challenges are the **Multiannual Financial Framework**. You can have a significant increase in community monies to support economic and social cohesion **there**, flanked with a reduction of necessity of Member States to participate. Unless we do things properly, countries which have financial difficulties are going to have problems investing in public investment areas, in getting rid of poverty, getting rid of social inequalities and any type of discrimination, particularly gender discrimination.

A distância entre os dois polos da relação anafórica amplia o espectro de potenciais antecedentes. Devido à capacidade limitada de armazenamento de informação, o intérprete estabelece, neste caso, uma relação entre o anafórico e o antecedente mais próximo, acrescentando uma informação que não figura explicitamente no original (“countries which have financial difficulties are going to have problems investing in public investment areas”).

3.4.3. Ambiguidade da relação entre antecedente e termo anafórico

A ambiguidade é um problema recorrente na interpretação, que se agrava na presença de determinantes possessivos. No exemplo que segue, o determinante possessivo *sua* é precedido de três candidatos possíveis à função de antecedente:

(9a) A **Líbia** deve ser persuadida a ratificar a **Convenção de Genebra sobre os Refugiados**, não se compreendendo que, sendo já parte da **Convenção Africana para os Refugiados**, não reconheça na sua ordem interna o Estatuto do Refugiado.



(9b) **Libya** has to be persuaded to ratify the **Geneva Convention on Refugees**. It is part of the **African Convention for Refugees** but that does not recognise the status of refugee within it.

Na interpretação, a oração completiva transforma-se numa oração coordenada adversativa encabeçada pelo pronome demonstrativo *that*, que remete para o antecedente imediatamente anterior (*African Convention for Refugees*) e não para o antecedente expectável (*Libia*). Neste caso, a ambiguidade resultante do possessivo no original leva o intérprete a introduzir um pronome que remete, mais uma vez, por motivos de memória textual, para o antecedente mais próximo. Como vimos, o termo anafórico pode surgir afastado do antecedente, em virtude da introdução de elementos parentéticos, pelo que a escolha do antecedente imediatamente anterior nem sempre é adequada.

3.4.4. Perda do antecedente

Um raciocínio inicial um pouco complexo que diz respeito à súbita alteração do modo de reembolso das viagens dos eurodeputados exigiu um esforço adicional de compreensão por parte do intérprete, inviabilizando a restituição do segmento subsequente (“E o mesmo tipo de critério se aplica aos nossos salários e despesas”). Nesse segmento, figura o antecedente (*nossos salários e despesas*) de uma cadeia anafórica que o intérprete não consegue recuperar, pelo que recorre ao substantivo genérico *decisions*, ao qual aplica o adjetivo *excessive*:

(11a) Desculpem lá, mas não é normal que deputados que viajaram sempre em económica tenham passado a fazê-lo em executiva mal os voos começaram a ser reembolsados ao bilhete e não ao quilómetro. E o mesmo tipo de critério se aplica **aos nossos salários e despesas**. A minha opinião é a de que eles são excessivos, nalguns casos até são extravagantes, mas não é isso que está agora em causa, o que está em causa é saber se temos a coragem de votar pelo menos o congelamento destas despesas.

(11b) Sorry, but it’s not right for MEPs who never travelled business in the past to do so now, who started changing things in light of different circumstances. I think a lot of the **decisions**



we've taken are excessive and indeed extravagant but what's really at stake is: do we have the courage to at least vote in favour of freezing this expenditure?

A utilização do substantivo ‘decisão’ no plural revela que o intérprete foi sensível à existência de mais elementos implicados no raciocínio para além das viagens, mas não foi capaz de os recuperar. Admitimos, contudo, que os ouvintes deste discurso, estando diretamente envolvidos na temática abordada, sejam capazes de inferir o âmbito de aplicação das *decisions* a que o intérprete se refere. Este dado vem corroborar a importância dos fatores extralinguísticos na interpretação, nomeadamente os complementos cognitivos (Seleskovitch & Lederer, 1984) do ouvinte, que permitem colmatar lacunas decorrentes de eventuais omissões por parte do intérprete.

4. Considerações finais

A referência anafórica é, sem dúvida, uma condição básica para a construção de qualquer ato comunicativo. É ela que contribui para a organização textual, na medida em que assegura a progressão temática. Este fenómeno reveste-se de especial importância numa atividade como a interpretação, cujo objetivo último consiste em promover a inteligibilidade comunicativa de uma mensagem-fonte. Através deste estudo baseado numa pequena amostra aleatória, foi possível identificar alguns problemas de natureza anafórica resultantes de fatores como a distância entre anafórico e antecedente, a ambiguidade da relação entre estes dois elementos, a mudança de categoria gramatical e a omissão do antecedente. Os exemplos analisados parecem sustentar as hipóteses inicialmente avançadas, tendo-se verificado i) um maior número de pronomes em inglês (sobretudo *we*) resultante da conversão do esquema hipotático em paratático, que obriga a um esforço de reconfiguração das relações anafóricas; e ii) uma maior dificuldade em preservar as cadeias anafóricas do original em função da distância entre anafórico e antecedente, devido à capacidade limitada da memória de trabalho.

Este tipo de reflexão baseia-se na premissa de que o trabalho de reflexão sobre a prática da interpretação através de dados reais, *i.e.*, de um *corpus* (informatizado ou não), promove a consciência metalinguística nos estudantes e pode, por conseguinte, ajudar a desenvolver estratégias de antecipação e resolução de problemas (Sandrelli, 2010).



Referências

- Amor, Emília (1993) *Didáctica do Português*. Lisboa: Texto Editora.
- Barbeiro, Luís Filipe & Luísa Álvares Pereira (2007) *O ensino da Escrita: A dimensão textual*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Bendazzoli, Claudio & Annalisa Sandrelli (2005) An approach to corpus-based interpreting studies: Developing EPIC (European Parliament Interpreting Corpus). In *MuTra 2005 – Challenges of Multidimensional Translation: Conference Proceedings*. Saarbrücken, pp. 1-12.
- Bendazzoli, Claudio (2010a) Il corpus DIRSI: creazione e sviluppo di un corpus elettronico per lo studio della direzionalità in interpretazione simultânea. Tese de doutoramento, Universidade de Bolonha.
- Bendazzoli, Claudio (2010b) *Corpora e interpretazione simultanea*. Bologna: Asterisco.
- Bertozzi, Michela (2015) Interpretación simultânea del italiano al español y anglicismos: hacia un estudio de corpus. *Acti del 7º Congresso AIETI (Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación)*.
- Bührig, Kristin Ortrun Kliche, Birte Pawlak & Bernd Meyer (2012) The corpus “Interpreting in Hospitals”: Possible applications for research and communication training. In *Multilingual Corpora and Multilingual Corpus Analysis*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 305–315.
- Corblin, Francis (1995) *Les formes de reprise dans le discours. Anaphores et chaînes de référence*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Dicionário Terminológico* (2008). Ministério da Educação e Ciência.
- Falbo, Caterina (1998) Analyse des erreurs en interpretation simultanée. *The Interpreters’ Newsletter* 8, pp. 107–120.
- Falbo, Caterina (2012) CorIT (Italian Television Interpreting Corpus): classification criteria. In *Breaking Ground in Corpusbased Interpreting Studies*. Bern: Peter Lang, pp. 157-185.
- Figueiredo, Olívia Maria (2001) Considerações sobre o emprego da anáfora nominal em textos de alunos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, série II, 18, pp. 395-410.
- Fonseca, Fernanda Irene (1992) A urgência de uma pedagogia da escrita. *Máthesis* 1, pp. 223-251.



- Gile, Daniel (1987) Les exercices d'interprétation et la dégradation du français: une étude de cas. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 32 (4), pp. 420-428.
- Gile, Daniel (1992) Les fautes de traduction: une analyse pédagogique. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 37 (2), pp. 251-262.
- Guillemain-Flescher, Jacqueline (1986) *Syntaxe comparée du français et de l'anglais: problèmes de traduction*. Paris: Ophrys.
- Halliday, Michael & Ruqaiya Hasan (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hoarau, Lucie (1997) *Étude contrastive de la coordination en français et en anglais*. Paris: Ophrys.
- House, Juliane, Bernd Meyer & Thomas Schmidt (2012) CoSi - A Corpus of Consecutive and Simultaneous Interpreting. In *Multilingual Corpora and Multilingual Corpus Analysis*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 295–304.
- Kleiber, Georges (1994) *Anaphores et pronoms*. Louvain-la-Neuve: Duculot.
- Kurz, Ingrid (2001) Conference Interpreting: Quality in the Ears of the User. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 46 (2), pp. 394-409.
- Lopes, Ana Cristina Macário & Conceição Carapinha (2013) *Texto, coesão e coerência*. Coimbra: Almedina.
- Loureda, O. (2010) Marcadores del discurso, pragmática experimental y traductología: horizontes para una nueva línea de investigación. *Pragmalingüística* 18, pp. 75-107.
- Marques, Isilda Gaspar (2009) *Anáfora associativa - propostas de abordagem em contexto escolar*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.
- Marzocchi, Carlo (2005) On Norms and Ethics in the Discourse on Interpreting. *The Interpreters' Newsletter* 13, pp. 87–107.
- Matos, Gabriela (2005) Parataxe: coordenação e justaposição – evidência a partir da elipse. *Atas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*.
- Oliveira, Fátima (1987) Cadeias anafóricas: que referência? *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, série II, 4, pp. 125–136.
- Perdicoyanni-Paléologou, Hélène (2001) Le concept d'anaphore, de cataphore et de déixis en linguistique française. *Revue québécoise de linguistique* 29 (2), pp. 55–77.



- Pöchhacker, Franz (2004) *Introducing Interpreting Studies*. London: Routledge.
- Russo, Mariachiara (2012) *Interpretare lo spagnolo. L'effetto di dissimmetrie morfosintattiche nella simultânea*. Bologna: Clueb.
- Sandrelli, Annalisa (2010) Corpus-Based Interpreting Studies and Interpreter Training: a Modest Proposal. In *Translationswissenschaft-Stand und Perspektiven, Innsbrucker Ringvorlesungen zur Translationswissenschaft VI*. Frankfurt: Peter Lang, pp. 69-90.
- Sandrelli, Annalisa, Claudio Bendazzoli & Mariachiara Russo (2010) European Parliament Interpreting Corpus (EPIC): Methodological issues and preliminary results on lexical patterns in SI. *International Journal of Translation* 22 (1-2), pp. 165-203.
- Sandrelli, Annalisa (2012) Interpreting Football Press Conferences: The FOOTIE Corpus. In *Interpreting across Genres: Multiple Research Perspectives*. Trieste: Edizioni Università di Trieste, pp. 78-101.
- Seleskovitch, Danica & Marianne Lederer (1984) *Intérpreter pour traduire*. Paris: Didier Érudition.
- Shlesinger, Miriam (1998) Corpus-based Interpreting Studies as an offshoot of Corpus-based Translation Studies. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 43 (4), pp. 486-493.
- Straniero Sergio, Francesco (2003) Norms and quality in media interpreting: the case of formula one press-conference. *The Interpreters' Newsletter* 12, pp. 135-174.
- Straniero Sergio, F. & Caterina Falbo (eds) (2012) *Breaking Ground in Corpus-based Interpreting Studies*. Bern: Peter Lang.
- Chuquet, Hélène & Michel Paillard (1989) *Approche linguistique des problèmes de traduction*. Paris: Ophrys
- Wang, Binhua (2009) Building a Corpus for Interpreting Training: Theory and Practice. *Foreign Language World (外语界)* 2, pp. 23-32.
- Zemmour, Joachim (2012) De la polysyndète anglophone à l'hypotaxe francophone: problèmes de traduction. Tese de doutoramento, Universidade Michel de Montaigne - Bordeaux III.



Zwischenberger, Cornelia & Martina Behr (eds) (2015) *Quality in Interpreting – A Look Around and Ahead*. Berlin: Frank & Timme.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio da Bolsa de Investigação com a referência SFRH / BD / 88142 / 2012, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano inscrito no Quadro de Referência Estratégico Nacional (Formação Avançada), participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

